



Para o outro lado

por Nancy Contreiras
Designer

«Para o outro lado» foi como o artista João Balthazar designou e apresentou o seu novo trabalho. Ao reunir Pintura – Poesia e Instalação, enriqueceu o espaço de exposições temporárias, deu-lhe vida e marcou todo o Espaço INDEG, de 12 de Outubro a 9 de Novembro. Esta foi uma exposição marcante, onde qualquer visitante se pôde sentir preenchido e “tocado”, podendo mesmo mexer com sensações que interligam o mundo à realidade da percepção de cada visitante.

As telas e o livro

Tal como é seu hábito, e paralelamente ao que havia sucedido em exposições anteriores, as obras expostas fizeram-se acompanhar de poemas, que traduziam as atitudes que estão implícitas na sua pintura, desmistificando parte da linguagem plástica dos óleos expostos.

Esses “registos” marcaram ainda mais a presença através da apresentação e lançamento do livro de poemas, fazendo ambas as formas de arte – plástica e literária – parte integrante da exposição do autor.

A interpretação da sua poesia, conjunto de situações vividas de cor e sentidas de alma, leva-nos a verificar uma transposição do som das palavras para a cor e forma das suas telas.

Nesta exposição, o artista dá-nos a oportunidade de relacionar e estar perante duas formas de arte, que se interligam e complementam, destacando o que já dizia Leonardo Da Vinci: “A Pintura é uma Poesia que vemos em vez de sentirmos e a Poesia é uma Pintura que sentimos em vez de vermos”.

As instalações

Como se não bastasse, o artista preparou algumas «instalações» que analogicamente se relacionam, com situações concretas do imaginário, com as quais tivemos a oportunidade de conviver durante o período da exposição.

Coordenação

João Balthazar
Arquitecto e Coordenador das Galerias de Arte Vincent e do INDEG/ISCTE, Lisboa, Portugal.
E-mail: jbalhazar@neo.pt



«Luz» de João Balthazar

«Para o outro lado», daquele que é ou poderá ser o nosso, é, onde nos levam as pinceladas das suas telas, as palavras e os objectos que relatam e representam, um mundo de emoções que por vezes não admitimos sentir, nem sabemos nem queremos deixar sair dentro de nós.

Tudo isso foi possível, pela tradução das expressões que tecnicamente foram representadas nas suas telas, por manchas de cor, “passagens” por “janelas virtuais”, aberturas em renda e mesmo rasgos atrevidos que nos levam a viajar “para o outro lado”, ultrapassando todas as barreiras do real.

Observando as várias opiniões registadas no livro de opiniões verificamos uma satisfação colectiva de bem-estar. Curiosamente, a agressividade, a calma e a subtilidade de

certas telas que, aconchegadas pelos pequenos manuscritos que se compilam em poemas, fazem-nos recordar o nosso dia-a-dia de pequenas tempestades e calmarias e, porque não, se isto é vida?

A mensagem/O espírito

Visitar uma exposição do João Balthazar provoca um compromisso espiritual de participação do visitante. O visitante não consegue ser um simples espectador. Vimo-nos na obrigatoriedade de nos tornarmos um «figurante dum filme que parou por um instante». Dentro dele, queremos descobrir como foi feito, o que o realizador nos quis dar de mensagem e ficamos com vontade de ganhar a oportunidade de sermos nós a continuar a escrever o guião e ter a certeza de saber o seu fim.

O livro de poemas, que curiosamente foi lançado nesse dia, deu-nos a possibilidade de vaguearmos, de vaga, com o “story-board” na mão e complementarmos com imagens de parede que não eram senão emoções, cheiros e sabores de momentos de vida.

Perpetuadas na nossa alma ficaram as instalações, «estátuas de ocasião de algodão doce», para serem olhadas em passo lento, como por quem percorre uma feira de Primavera, onde o Sol nos bate, acolhidos pelo som ao longe do delírio de uma criança vestida de jockey amarelo e que quer montar um pônei pela primeira vez e sabe que não é dele.

Acompanhar o futuro das formas de arte de João Balthazar é uma incógnita de surpresas, já que ele é um fruto da terra. ■